

## O MOURO E A CASCATA

(Condensado do livro «Terre des Hommes»)

Por Antoine de Saint-Faupéry

QUANDO PILOTO da linha francesa do Saara, estive algum tempo aquartelado em Port Etienne, na orla de uma região do deserto ainda insubmissa. Port Etienne nem chega a ser cidade: há uma paliçada, um hangar, e umas quantas casas abarracadas de madeira, para abrigar as tripulações francesas.

Uma vez por outra os mouros aventuravam-se até a paliçada, na esperança de comprarem açúcar, panos de algodão, chá e outros artigos. As vezes era mesmo algum chefe, homem de influência entre os naturais, e nunca perdíamos a oportunidade de metê-lo num avião, para o levar a ver um pedaço de mundo... Ao fazê-lo, nosso intento era amansá-los, quer dizer, amolecer um pouco o feroz orgulho desses ásperos filhos do deserto. Guerreiros do Islã, para quem só Maomé Deus, era mais por desprezo do que por ódio que eram levados a disparar as armas contra os nossos aviões, ou a chacinar os «infiéis» que a sorte forçava a aterrar por acidente nos territórios que o Deus de Maomé lhes dera de presente.

Três desses chefes mouros foram certa vez à França em aviões nossos. Conversei com eles no seu regresso. Não se deram ao trabalho de ocultar a gélida indiferença em que os tinham deixado a torre Eiffel, os grandes transatlânticos, as locomotivas. Concordavam que a França tinha muito de admirável —mas não, precisamente, dessas coisas estúpidas, grosseiras, forjadas no ferro. Havia melhor, muito melhor do que isso. Havia, por exemplo, o circo.

«As mulheres francesas,» diziam eles com mal contida admiração, «são capazes de saltar de pé de um cavalo para outro, a galope!»

Dito isto, ficavam a refletir em silêncio. E depois: «O senhor pegue um mouro de cada tribo. Leve ele a ver o circo. E verá que nenhuma tribo tornará a guerrear com os franceses...»

Tinham visto na França pastagens onde todos os camelos de todas as suas tribos poderiam pastar à vontade! Havia florestas na França! E os franceses tinham vacas que davam leite, como fontes de maná!

Tudo isso os impressionara profundamente. E lembro-me de ver esses chefes, sentados à entrada das tendas, falando para a multidão atenta e absorta dos seus homens, sentados em círculo, fascinados pela maravilhosa narrativa dessas viagens a países distantes, que pareciam sair das Mil e Uma Noites...

Ali estavam aqueles homens que nunca na sua vida tinham visto uma árvore, um rio, ou uma rosa... Que só através do Alcorão tinham a ideia fantástica de jardins sulcados de águas finas, que tal é para eles o Paraíso. Naquele deserto que é sua terra, o Paraíso só pode ser ganho duramente, morrendo de um tiro dos infiéis, ao cabo de anos de uma existência de esforço e miséria. E o Senhor, ao garantir aos franceses todos esses tesouros paradisíacos, não lhes exigia em troca nem o sacrifício da sede permanente, nem sequer o de suas vidas em combate... Tais eram os

pensamentos que os chefes agora murmuravam em tons de confiança, para os seus homens perplexos.

«O Deus dos franceses... sabem vocês? É mais generoso com os franceses, do que o Deus dos mouros é com os mouros...»

Tinham-lhes proporcionado uma ida aos Alpes, e o guia conduziu-os junto duma cascata majestosa. Água! Água a cair rugindo, pulverizada, irisada na luz do sol! Quantos dias penosos de marcha nas areias do deserto lhes eram necessários, a eles, para alcançar um poço, um furo humilde aberto no chão, à sombra de meia dúzia de palmeiras!... Água! Água que valia quanto pesava em ouro! Água milagrosa, de que basta uma gota para arrancar às areias a verde centelha de erva... Tribos há que marcham 300 quilômetros, e mais, para colher um pouco de erva quando Alá lhes faz a graça da chuva. Em dez anos não caíra uma gota de água sobre Port Etienne

—Vamos, são horas de partir! dissera o guia. Mas os mouros nem se moveram. Ali estava Deus manifestando-se na Sua Magnanimidade; não seria de bom agouro voltar-lhe as costas sem mais nem menos.

—Bom, isso não tem mais que ver, disse o guia, impaciente. —Vamos embora!

—Temos que esperar, responderam.

—Esperar o que?!

—Esperar que isto se acabe...

Teimavam em esperar que Deus, cansado do Seu capricho, suspendesse as águas da cascata. Ah, bem que eles sabiam quanto Deus é ávaro de mercês, quão depressa Ele se arrepende dos favores que dispensa! E esperavam que as águas da cascata perdulária secassem de repente.

—Mas há mais de mil anos que estas águas correm sem parar! disse o guia...

E foi por isso que, em Port Etienne, eles não ousaram insistir em demasia no caso da cachoeira: havia certos milagres de que era melhor nem falar. Melhor até nem neles pensar —porque, à força de matutar, um homem- acabaria não percebendo mesmo nada deste mundo de Deus...

Revista Seleções BR 1943-01-009